



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8313 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

REFLEXÕES NA EDUCAÇÃO MUSICAL A PARTIR DAS HISTÓRIA(S) DA(S) INFÂNCIA(S) EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURALISTA

Anderson Carmo de Carvalho - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

REFLEXÕES NA EDUCAÇÃO MUSICAL A PARTIR DAS HISTÓRIA(S) DA(S) INFÂNCIA(S) EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURALISTA

O presente estudo se vincula a uma pesquisa que tem como objeto refletir acerca sobre a música infantil. Em específico, o estudo aqui apresentado é um recorte da pesquisa geral, esta tem por objetivo identificar indícios, na história da infância, de abordagens teórico-práticas para além da cultura eurocêntrica. Por meio de uma abordagem hermenêutico-dialética, realiza-se estudo documental qualitativo sobre as histórias das crianças e das infâncias de culturas minoritárias, traçando um contraponto às abordagens eurocêntricas. Busco observar o tema em uma perspectiva intercultural.

A pesquisa realizada procura colaborar com um olhar da música para/com/das crianças do ponto de vista da educação musical. A depender de seu entendimento da (ou das) infância (s), o olhar do adulto tem (em relação pedagógica na música para/com/das crianças) dimensões de escutas e fazeres musicais diversos, incluindo, portanto, a criança como protagonista e agente do fazer musical. Como descrito, base do estudo trata de pensar a música e a criança em tríplice aspecto. A “música para criança”, compreendida como aquela que é realizada por adultos e dirigida ao “consumo” infantil, facilmente visualizada no folclore nacional e no mercado da música de massa; a música “com a criança”, um fazer musical onde a criança é partícipe de forma intencional ou não da atividade musical, observada em composições de docentes de música com as crianças e, numa terceira perspectiva, a “música da criança”, estudada pelo campo da Educação Musical com base no advento do conceito infância e os avanços da iniciação musical na segunda metade do século XX.

O recorte apresentado nesse texto reflete que a história da infância ainda está atrelada às percepções, interpretações e memórias do adulto, pois “é mais fácil lidar historicamente com a infância do que com as crianças, porque a infância é em parte definida por adultos e instituições para adultos” (STEARNS, 2016 p. 4). Esse mesmo adulto quando reflete a infância, o faz em relação à suas concepções, subjetividades e valores. A gênese da busca pela infância é atribuída ao trabalho pioneiro de Phillipe Ariès (ARIÈS, 2006). Sua influência é notada na maioria dos textos que tratam do tema, sendo para criticá-lo ou reverenciá-lo. Há

de se considerar a existência de uma significativa crítica a alguns apontamentos de Ariès, principalmente com relação à inexistência de um sentimento de infância no período medieval, assim como o fato de seu estudo ser centrado no ocidente europeu: uma visão nitidamente eurocêntrica. Considerar a infância como uma categoria unívoca, baseada na Europa medieval, como se não existissem várias infâncias (ARIÈS, 2006, p. 99). Esse olhar foi de fato um motivo de críticas (HEYWOOD 2006, p. 21-25).

Com a perspectiva de olhar as infâncias na sua pluralidade e observar essas culturas pela interculturalidade, aponto para um acréscimo no conceito de infância para pensar o lugar das crianças no fazer musical pelo professor de música. Nessa condução intercultural, saberes da história do ensino de música para criança podem tomar outra perspectiva, auxiliar em novas pesquisas para além do eurocentrismo, assim como já dito, dar voz à criança na aula de música. Pata tanto, nesse recorte, um estudo documental.

Aderinto (2015), tratando sobre a infância na Nigéria colonial, assume que historiadores acreditam que o passado da África está incompleto sem a história das mulheres e das crianças (ADERINTO, 2015, p. 1). O autor entende que o conceito de infância moderno surgiu na Nigéria no século XIX por influência da colonização britânica e destaca que a infância nigeriana, como uma fase da vida, está relatada nas tradições orais da Nigéria, facilmente identificada nas histórias da cultura como, a agonia da morte infantil. Também podem ser identificadas nas obras artísticas e literárias que demonstram que famílias africanas investiam emocionalmente em seus filhos (ADERINTO, 2015, p.1-4).

Nas Américas, os índios americanos *hopis*, da região de Oraibi na América do Norte, Illick (2002, p. 3) narra um pouco dos primeiros dias de vida de Chuka (um bebê índio) e os muitos cuidados lhe ofertados. O bebê tem vinte dias de rituais cuidadosamente seguidos para, então, receber seu nome em uma cerimônia de nomeação. Illick (2002, p. 4-8) apresenta que a infância tinha uma importância única na tribo. Quando sacerdotes franceses têm seus primeiros encontros com tribos indígenas da América do Norte, nada mais os chocou do que a ausência de punição física como meio de disciplinar as crianças indígenas (ILLICK, 2002, p. 9). Na América do Sul, especificamente no Brasil, Tassinari (2007) demonstra que os primeiros registros sobre a infância indígena já ressaltavam a autonomia e a independência das crianças, o carinho e a complacência dos adultos em relação às suas atitudes e a ausência de castigos físicos (TASSINARI, 2007, p. 11-12). Há na criança indígena uma responsabilidade de mediadora cosmogônica; ela é importante produtora da sociedade indígena e nessa, é respeitada.

Noguera (2019) relata um mito da cultura iorubá para tratar do lugar da infância. O reino da rainha Oxum e o rei Xangô (pais de filhos gêmeos (ibejis) chamados Taiwo e Kehinde) foi visitado em sua aldeia de Orunmilá por Icu (a Morte), e Icu não quis mais ir embora. Após várias tentativas de afastá-la do local com bravos guerreiros, só as crianças (os gêmeos), brincando, foram capazes de cansar a morte. Brincando, as crianças colocam a Morte para dançar, ninguém mais poderia resistir. “A infância é mais poderosa do que a morte” (NOGUERA, 2019, p. 133). A infância é uma potência, um modo forte de habitar a existência.

O estudo documental realizado indica incoerência para com uma inexistência de um sentimento de infância, ou mesmo de afeto para com essa categoria geracional antes da contemporaneidade. O que há de se perceber é que a ideia de infância de grupos minoritários é tão diversa da cultura hegemônica ocidental, que a tornamos invisíveis ou mesmo indetectáveis. Não se trata em não haver infâncias e crianças, mas sim outras infâncias diversas, em valores e sentidos distintos. Visar as sociedades para além da hierarquia cultural (na interculturalidade) é olhar além, com o outro e na perspectiva do outro. Por tanto, esse

estudo corrobora com a desconstrução de uma concepção eurocêntrica e com a valoração no pensar infância na formação e reflexão de professores e pesquisadores da Educação Musical.

Palavras-chave: Educação Musical, História das Infâncias, Interculturalidade.

Referências

ADERINTO, Saheed. **Children and Childhood in Colonial Nigerian Histories**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2015.

ARIÈS, P. **História social da criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2º. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006. 196 p. L' Enfant et la Vie familale sous l'Ancien Régime (1960).

HEYWOOD, Colin **Uma história da infância: Da idade média à época Contemporânea no ocidente** Porto Alegre: Artmed, 2004.

STEARNS, Peter N. **Childhood in world history**. 3 ed. New York: Routledge, 2016.

KOHAN, Omar Walter. Criança e infância: contexto histórico social. **Pesquisa em educação**. São Paulo, v.29, n.1, p.11-26, jan./jun.2003.

ILLICK, Joseph E. **American Childhoods**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019.